

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 25
(JUL-DEZ)
2016
PP. 480-498.

A FOICE, O MARTELO E O RECONHECIMENTO: ESTUDO SOBRE A SIMBOLOGIA E O IMAGINÁRIO QUE CERCEIA O EMBLEMA CARACTERÍSTICO DA UNIÃO SOVIÉTICA

YOHAN ISE LEON

Mestrando do programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
yohanleon@outlook.com

RESUMO

O objeto examinado neste artigo é o símbolo da União Soviética, mais especificamente a foice e o martelo, o qual tornou-se emblema oficial da bandeira da URSS, em 1924. Utilizaremos como fonte os livros publicados por militantes comunistas brasileiros durante a década de 1930 e uma edição da revista “O poder popular: um jornal a serviço da revolução socialista”, de maio de 2016. Nosso objetivo principal é compreender de que modo esse símbolo mantém um denominador comum e como este é representado. Para tal, examinaremos a concepção de “esquerda”, as representações de um Estado sob o regime socialista e os fatores que circundam o emblema. Basear-se-á o exame nos pressupostos teóricos de Serge Moscovici (2003), no que concerne as representações sociais, e em Bronislaw Baczko (1985), no que cerceia o conceito de imaginação social; para o conceito de “esquerda”, utilizaremos o filósofo francês Raymond Aron. O contexto brasileiro de meados do século XX segue as considerações de Ferreira (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Símbolo da União Soviética. Imaginário social. Representações sociais. Revolução socialista.

RESUMEN

El objeto examinado en este artículo es el símbolo de la Unión Soviética, en concreto la hoz y el martillo, que se convirtió en el emblema oficial de la bandera de la URSS, en 1924. Vamos a utilizar como fuentes libros publicados por militantes comunistas brasileños durante la década de 1930 y una edición del periódico " O poder popular: um jornal a serviço da revolução socialista", de mayo de 2016. Nuestro objetivo principal es entender cómo este símbolo sigue siendo un denominador común y como se representa. Para eso, vamos a examinar el concepto de "izquierda", las representaciones de un Estado bajo el régimen socialista y los factores que involucra el emblema. El examen se basa en suposiciones teóricas de Serge Moscovici (2003), con respecto a las representaciones sociales, y en Bronislaw Baczko (1985), en la que restringe el concepto de imaginación social; al concepto de "izquierda", vamos a utilizar el filósofo francés Raymond Aron. El contexto brasileño de la segunda mitad del siglo XX sigue las consideraciones de Ferreira (2002).

Palabras clave: Símbolo de la Unión Soviética. Imaginario social. Representaciones sociales. Revolución socialista.

As primeiras décadas do século XX viram emergir símbolos seculares que possuem notoriedade até os dias atuais, sobretudo a Cruz Suástica do regime Nacional Socialista Alemão (nazista) e a foice e o martelo do regime socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas¹. No Brasil, também observamos movimentos análogos, como o dos integralistas. Mas o sigma tornou-se passado rapidamente.

Propomo-nos a examinar como esses símbolos, em particular o soviético, foi objetivado e constituído. Manteremos nosso foco no Brasil de meados do século XX, baseando-nos em fontes e na literatura que compreende o período e o tema. Vale salientar que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) continua utilizando o símbolo soviético como emblema.

Em contrapartida, qualquer um que ouse utilizar a Cruz Suástica, mesmo a não inclinada, específica do budismo, causaria grande desconforto e enfrentaria manifestações de

grupos diversos da sociedade. Além disso, é claro, muitos países possuem leis que proíbem seu uso.²

Na perspectiva de regimes totalitários, ambos os símbolos carregam em suas linhas milhões de mortos. Entretanto, apenas um deles - a suástica nazista - tem reprovação notória de amplos setores sociais. Buscamos, portanto, compreender de que modo essa diferença ocorre, se manifesta e o que contribui para sua manutenção.

Dois autores são a base teórico-metodológica deste artigo, tratam-se de Serge Moscovici e Bronislaw Braczko. O primeiro, em seu capítulo “Representações Sociais”, argumenta:

[...] é a memória que foi herdada e materializada na cultura, arte ou linguagem que nos permite perceber nas pessoas vivas as características distintas de seus ancestrais, reais ou supostos. Imagens irreais são invocadas na mente do “que

procura faces escondidas”, como escreveu certa vez Virginia Woolf e transformadas em percepções concretas. (MOSCOVICI,2003, p. 268)

Queremos salientar que determinada maneira de interpretar o passado, ou, para usar o termo de Moscovici, certa memória herdada e materializada na cultura, de modo geral, pode sustentar, também, determinadas representações sociais. Ou seja, é parte do conjunto compreensível de imagens e crenças que tem seu papel na representação social de um grupo ou indivíduo.

O autor analisa a novela “Remember of Things Past”, obra de autoria de Proust³, na qual dialoga sobre o caso Dreyfus⁴. Considerando as situações nas quais uma sociedade está envolvida e dividida quanto a determinado veredicto sobre um assunto, a relação entre maioria e minoria torna-se

específica:

Falei de uma recombinação social inspirada nas observações que se podem fazer sobre as relações entre maioria e minoria no decorrer do caso Dreyfus. Permitam-me que agora coloque seus princípios. O primeiro é que, sempre que lidamos com uma minoria divergente, a sociedade apresenta contra ela e contra seus membros um veredicto antes de qualquer julgamento. (MOSCOVICI, 2003, p. 261)

Em outras palavras, quando determinados temas dividem a sociedade entre maioria e minoria, a parte majoritária tende a pré-julgar a minoria. Deve-se destacar, entretanto, que a “maioria” e a “minoria” são dados flutuantes, pois, dependendo do espaço e grupo social analisado, o grupo minoritário torna-se majoritário. Gostaríamos de propor, portanto, que esta configuração social pode servir para pensarmos outras situações

em momentos e espaços distintos, respeitando, evidentemente, suas devidas diferenças.

Isso propõe, de acordo com as considerações do autor, que existe a possibilidade de escapar do julgamento aliando-se a maioria na esfera pública. Moscovici (2013, p. 259) argumenta que “Proust supõe uma vontade de reconhecimento que é tão forte como a vontade de poder”. Emprestamos o termo e utilizá-lo-emos posteriormente.

Outro autor que far-se-á conveniente para essa análise, como anteriormente citado, é Braczko, para quem o imaginário social ⁵ na vida moderna caracteriza-se por sua relação específica com o poder político:

Ora, ao produzir um sistema de representações que simultaneamente traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também “guardiões” do sistema que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos. (1985, p. 299)

Ainda segundo o autor, a imaginação de um fim, em outras palavras, a própria concepção de um objetivo final é o fator que permite a própria ação acontecer. Visto, portanto, que pensamos uma ação coletiva, esse imaginário, ou aspectos deste, devem pairar como um denominador comum para o grupo.

No sistema de representações produzido por cada época e no qual está encontra a sua unidade, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história”. (BRACZKO, 1985, p. 303)

Demonstrado o eixo teórico, examinaremos o símbolo do regime soviético no contexto brasileiro. Atentemo-nos para as características que podem proporcionar-nos pistas que

possam confluir com o exposto até o momento. Assim, buscamos relacionar a percepção teórica de Moscovici e Braczko para analisarmos o símbolo do regime soviético no contexto brasileiro.

Retornamos ao início. O símbolo soviético, a famosa foice cruzada com o martelo é usada, atualmente, para representar o Partido Comunista Brasileiro (PCB)⁶. Nenhuma crítica teve respaldo público e não parece haver movimentos que visam condenar o uso do símbolo por esse partido ou qualquer outro grupo.

Diferente do símbolo supracitado, que pode ser usado “livremente”, a suástica nazista, por mais que usada por vários povos anteriores ao período nacional-socialista alemão, tornou-se um símbolo da intolerância e do antissemitismo⁷. Considerando isso e realizando um paralelo com o símbolo soviético, mesmo que a foice e o martelo, como sabemos, tenha

tremulado sobre os Gulags⁸ e durante o terror stalinista da década de 1930⁹, não há uma rejeição generalizada e organizada que o combata.

Parece-nos, portanto, que existem fatores que possibilitam essas diferentes interpretações dos símbolos apresentados. Segundo Braczkó, os símbolos tornam-se um modo de comunicação específico, algo que designe ao indivíduo um determinado denominador comum.

Os sonhos e as esperanças sociais, frequentemente vagos e contraditórios, procuram cristalizar-se e andam em busca de uma linguagem e de modos de expressão que os tornem comunicáveis. Os princípios e conceitos abstractos só se transformam em ideias-força quando são capazes de se constituir como polos em torno dos quais a imaginação colectiva se organiza. A extensão das suas auréolas imaginárias faz-lhes ganhar amplitude emotiva. (1985, p. 321)

Logo, propomo-nos a delimitar qual é o denominador comum que permite a equação resultar, no que diz respeito ao símbolo soviético, em um sentido socialmente positivo. Um dos fatores na equação, acreditamos, emergiu ainda no início do século XX, mais especificamente nos livros que relatavam brasileiros na União Soviética, especificamente em Moscou.

Na década de 1930, os militantes comunistas brasileiros movimentaram vários meios para divulgar suas concepções. Segundo Jorge Ferreira (1998, p. 77)¹⁰, “jornais comunistas, livros de divulgação e panfletos alardeavam o progresso material na União Soviética”. Um desses livros, denominado “Um engenheiro brasileiro na Rússia”, de 1933, relatava que ao chegar a União Soviética, percebia-se a “diferença entre o mundo ocidental em vias de decomposição e este país cheio de fé, de raciocínio, disciplinado, higienico [...]” (Edmundo, p. 33).

O adjetivo empregado para caracterizar o ocidente deve ser pensado em sua relação com a situação econômica norte-americana. A crise de 1929 e suas consequências pareciam-lhes a prova que o capitalismo causara seu próprio túmulo. Isso era impulsionado pelo suposto crescimento soviético da década de 1930, como salienta Jorge Ferreira:

Na literatura do período, os textos ressaltavam particularmente os aspectos materiais da construção do socialismo na Rússia: surgimento, da noite para o dia, de centenas de cidades e usinas, trabalhos de urbanismo e construção civil, mecanização da indústria e obras suntuosas. Em cada realização, os autores citavam enormes cifras sobre o uso do aço, ferro, asfalto, concreto armado e vidro. Ainda prisioneiros da forte tradição provinda do século passado que associava o progresso social com a riqueza material, os visitantes brasileiros na União Soviética nos anos 30 identificavam socialismo com desenvolvimento econômico. (1998, p. 78)

Segundo o autor, após a década de 30, a admiração dos militantes brasileiros em relação a Revolução Russa passa para a admiração do governo socialista. Visto como modelo a ser buscado.

A virada da década, portanto, coincidiu com mudanças significativas na cultura e no imaginário político dos militantes comunistas brasileiros: antes, a exaltação da Revolução Soviética como modelo para a transformação da humanidade, depois, a admiração incondicional pela URSS. (Idem)

No mesmo período em que os simpatizantes e viajantes brasileiros relatavam os benefícios do regime soviético, a coletivização proposta pelo plano quinquenal de *Josef Vissarionovitch Stalin*¹¹ mobilizou o exército a cercar os camponeses que não aceitavam as medidas propostas.

A coletivização forçada resultou em uma guerra do Estado contra a população rural. A oposição

desesperada dos camponeses serviu como pretexto para Stálin mobilizar milhares de agentes para “liquidar os kulaks como classe”, segundo suas palavras. Cercados em suas aldeias por tropas armadas com metralhadoras, os camponeses capitularam, não sem antes destruir as ferramentas e matar os cavalos, vacas, carneiros e cabras. Calcula-se que 45% do gado foi sacrificado e 70% do rebanho de carneiros e cabras foi dizimado. Como em uma vingança premeditada, eles ameaçaram as cidades com o espectro desesperador da fome. A política stalinista para o campo forçou mais de 100 milhões de pessoas abandonarem suas terras e a se fixarem nas fazendas coletivas. Outro dez milhões, punidos, foram impedidos de participarem das novas organizações agrícolas. A morte e o degredo em regiões distantes e inóspitas selaram seu destino. (FERREIRA, 1998, p. 79)

Apesar do sangue derramado, de acordo com Ferreira, a industrialização soviética permitiu a melhora de vida de muitos que não foram atingidos diretamente pelo plano de coletivização agrícola.

Pensando a União Soviética em uma escala econômica global, entendemos que o sistema soviético foi até certo ponto eficaz, pois sem auxílio estrangeiro e em meio ao período da crise de 1929, logrou conquistar uma espécie de desenvolvimento autônomo, como destaca Hobsbawn:

[...] mesmo quando o sempre realista Lenin estava disposto, e até mesmo ansioso, para fazer as concessões de mais longo alcance aos investidores estrangeiros, em troca de sua ajuda ao desenvolvimento econômico russo, na prática não encontrou quem quisesse. Assim, a jovem URSS, foi necessariamente lançada num curso de desenvolvimento auto-suficiente, em virtual isolamento do resto da economia mundial. Paradoxalmente, isso logo lhe oferecia seu mais poderoso argumento ideológico. (2003, p. 366)

Após a Segunda Guerra mundial, com a vitória dos aliados ¹² apoiados pela União Soviética, Stálin, além do respeito político entre os vencedores, “provou” que os

prognósticos contrários ao governo soviético estavam errados. Após esse período, a propaganda soviética contribuiu para que o imaginário dos brasileiros militantes fossem alimentados por cifras grandiosas¹³.

Os números, sempre aos milhares, povoavam o imaginário dos repórteres e as colunas dos vários jornais comunistas. Em 1949, dizia *Voz Operária*, foram construídas 3.500 centrais hidrelétricas e instaladas mais de 42.000 motores elétricos nas fazendas coletivas. No final desse mesmo ano, teriam sido inauguradas 20.000 salas cinematográficas somente na República Federal da Rússia, sem contar nas outras, em substituição àquelas destruídas na guerra. (FERREIRA, 1998, p.80)

Ainda segundo o autor, em sua obra que é resultado da tese de doutoramento:

[...] no imaginário político dos comunistas brasileiros, na URSS, bem como nas chamadas democracias populares, as utopias de uma sociedade igualitária, justa, democrática e fraterna estavam sendo vividas por milhões de pessoas (Idem).

De acordo com Ferreira, a União Soviética, aos olhos dos militantes brasileiros da década de 1950, constituía-se no espaço em que a maior experiência de transformação social estava ocorrendo, um local no qual o fim da exploração era possível.

O espaço sagrado revelava uma realidade absoluta, a única existente, permitindo que o mundo fundado pelos ancestrais surgisse, para o militante, como o nosso mundo. A irrupção do sagrado no território soviético comprovava a ruptura e o desnivelamento espacial. Mais importante, demonstrava a necessidade de repetir o evento em outras regiões. (FERREIRA, 1998, p. 87)

A fonte utilizada pelo autor para delinear essas conclusões, consiste em jornais comunistas brasileiros, tais como a “Imprensa Popular” e a “Voz Operária”, do Rio de Janeiro e o “Diário do Povo”, de Salvador. Além dessas fontes, são utilizados livros que relatam a vida no país soviético, como o livro, citado anteriormente, “Um engenheiro brasileiro na Rússia” e “Onde o proletariado dirige”, de Cláudio Edmundo (1933) e Osório Cesar (1932), respectivamente.¹⁴

É importante notar que tudo que argumentamos permitem-nos considerar que algo de sagrado envolve o socialismo, a União Soviética e, por conseguinte, a foice e o martelo. Deste modo, podemos propor que esse ideal de sociedade tem como um de seus suportes imagéticos o símbolo do regime soviético.

A profunda idealização da vida social na União Soviética pelos comunistas escondia, sob o discurso legitimador da ciência, antigos mitos semi-esquecidos, hierofanias arcaicas e simbologias adormecidas. A dessacralização do homem moderno, particularmente a dos comunistas, desencantou as mitologias, obrigando-as a sobreviverem em zonas recônditas do pensamento individual e coletivo. (FERREIRA, 1998, p. 88)

Propomos que essas características benéficas articuladas por militantes de meados do século XX, tais como o fim da exploração e a sociedade racionalizada, além dos eufemismos com o que não lhe convém, atravessou o século XX e continuam relevantes no século XXI. A revista “O poder popular”¹⁵, de maio de 2016, além das várias imagens do característico símbolo da URSS, em seu editorial, discursa sob um ponto de vista que pouco se difere dos antigos militantes:

As crises são fenômenos inerentes ao sistema capitalista, oriundas da contradição central entre

o caráter social da produção e a apropriação privada de seus resultados e são fruto das contradições gerais do sistema que se acumulam ao longo do processo de desenvolvimento das forças produtivas e de concorrência entre empresas [...] A crise torna a burguesia mais agressiva (O PODER POPULAR, 2016, p. 2)

O trecho, escrito quase um século depois da Revolução Russa e décadas depois dos jornais comunistas de meados do século XX, pouco ou nada se diferem. Podemos retomar as concepções supracitadas e notarmos que de certa forma, cerceiam o mesmo horizonte interpretativo.

É relevante notarmos que o mito, de alguma maneira, ainda existe. Os defensores do socialismo veem aspectos do fim do capitalismo desde a crise de 1929, ou seja, a cada crise espera-se o fim desse sistema econômico e político. Isso, parece-nos, é algo análogo a ideia de Juízo Final¹⁶. O tom maniqueísta é relevante e conflui em paralelo com a narrativa

cristã, classificando os burgueses como personagens equivalentes aos anjos caídos de Lúcifer, sendo a mais-valia, o próprio mal.

Após o editorial que conclama a militância e incita a formação de um “bloco de lutas de todas as forças anticapitalistas” (O PODER POPULAR, 2016, p. 2), segue uma reportagem sobre Alexandra Kollontai, “figura histórica do movimento revolucionário mundial” (idem). Na página seguinte, há uma breve explanação sobre a democracia do proletariado e a democracia burguesa. Todas as seções terminam com a imagem da foice e do martelo.

Diferente da suástica nazista, que também propunha um “futuro modelo” ao povo ariano, o símbolo soviético propõe um “futuro modelo” aos trabalhadores, aumentando consideravelmente quem pode identificar-se com ele. Deste modo, parece-nos que o martelo e a foice representam, de

maneira resumida, a luta por uma sociedade harmônica, justa e sem exploração. Como as representações de meados do século XX, apresentadas anteriormente.

Mas acreditamos que não é apenas o mito da sociedade sem exploração que envolve o símbolo soviético. Há, também, outras questões que participam do denominador comum representado pela foice e o martelo, garantindo-lhe que todos os corpos caídos em baixo de sua tutela não sejam suficientes para ofuscar seu esplendor.

Parece-nos que outro alicerce do símbolo soviético é resultado da visão retrospectiva da noção que funde aspectos da Revolução Francesa com a teoria marxista do século XIX, tornando a “esquerda” uma entidade semântica capaz de reunir a esquerda francesa dos últimos decênios do século XVIII, a teoria marxista do século XIX e a utopia soviética do século XX.

Segundo Raymond Aron, a “epopeia revolucionária” francesa:

[...] corta en dos la historia de Francia. Parece levantar y oponer a dos Francias: una que no se resigna a desaparecer, y otra que no se cansa de continuar su cruzada contra el pasado. Cada una de ellas pasa por ser la encarnación de un tipo humano casi eterno. De un lado se invoca la familia, la autoridad, la religión; del otro, la igualdad, la razón, la libertad. Aquí, se respeta el orden, lentamente elaborado por los siglos. Allí, se profesa fe en la capacidad del hombre para reconstruir la sociedad según los datos de la ciencia. La derecha, partido de la tradición y de los privilegios, contra la izquierda, partido del porvenir y de la inteligencia. (1979, p. 15)

Considerando os argumentos de Aron e a análise de Ferreira, vemos confluir um dado: a Revolução Francesa possibilitou imaginar um futuro muito distinto do então denominado Antigo Regime, ao mesmo tempo que propôs a constituição de um novo homem. Pensamento análogo reveste a foice e o martelo, enquanto representantes de um denominador comum.

De encontro com a noção de esquerda e de sociedade justa que acabamos de delinear, outro aspecto perpassa esses

locais e conflui com a constituição do denominador comum do símbolo característico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, trata-se da própria concepção de revolução.

Entendendo que a revolução¹⁷, nas ciências humanas, designa uma mudança abrupta e rápida. Diferente da geografia, portanto, conduz à mudança e não ao começo. Ainda de acordo com Raymond Aron:

El mito de la izquierda contiene implícitamente la idea de progreso y sugiere la visión de un movimiento continuo. El mito de la Revolución tiene un significado complementario y opuesto: alimenta la esperanza en una ruptura con el curso ordinario de las cosas humanas. (1979, p. 43)

Parece-nos que a concepção de revolução política englobou, em sua etimologia, a ideia de um resultado benéfico

determinado, ou seja, visualiza-se um fim justo que se contraste com o momento contemporâneo que tornar-se-á passado. É por esse motivo que algumas mudanças drásticas na vida política e social não são consideradas revoluções. Apenas um determinado fim teleológico permite ao acontecimento o caráter de revolução.

Assim, todo tipo de luta que envolva a “esquerda” é considerada legítima e revolucionária, uma vez que a constituição semântica de “esquerda” e “revolução” pressupõe benefício e justiça social. Toda essa explicação é organizada simbolicamente, parece-nos, pela foice e o martelo.

Outro fator que possibilita-nos compreender essa mescla de “revolução”, “benefício” e “esquerda”, é a interpretação da emergência do governo nacional-socialista na Alemanha, o qual não é considerado revolução, uma vez que sabemos das

atrocidades e dos diversos crimes cometidos pelo regime.

Raymond Aron debruça-se sobre a questão e salienta:

Recuerdo que en Berlín, en 1933, la controversia preferida de los franceses se refería al tema: ¿Se trata o no de una revolución? No se preguntaban, razonablemente, se la apariencia o el disimulo legal impedía o no la referencia a los precedentes de Cromwell o de Lenin. Antes bien, se negaba con furor – como hizo uno de mis interlocutores en la sociedad francesa de filosofía en 1938 – que el noble término de la revolución pudiera aplicarse a acontecimientos tan prosaicos con los que agitaban en 1933 a Alemania. Y sin embargo, ¿qué más puede exigirse que el cambio de hombres, de clase dirigente, de constitución, de ideología? [...] Unos hubieran respondido que la legalidad del nombramiento del 30 de enero, la ausencia de tumultos en las calles, constituían una diferencia fundamental entre el advenimiento del III Reich y el de la República de 1972 o el comunismo de 1917. (1979, p. 45-46)

Em resumo, o símbolo soviético carrega aspectos positivos e por isso, toda atrocidade cometida em baixo da sua materialidade geométrica é, pelo menos, eufemizada ou justificada pelo contexto. Outro aspecto, dessa vez relacionado diretamente com o âmbito social na esfera pública, contribui para a manutenção do domínio do símbolo soviético, mesmo mais de duas décadas após seu maior representante deixar de existir¹⁸.

Afigura-se que no espaço público predomina como representante do mito da sociedade justa, da inteligência em prol da construção social e da ruptura com o passado de exploração, a foice e o martelo. Desse modo, qualquer indivíduo que não apoie um movimento que use esse símbolo, ao mesmo tempo, do ponto de vista desse círculo social, não apoia a justiça, a igualdade e o futuro prospero.

Isso significa que outro fator, dessa vez social, age em

favor do símbolo da União Soviética, trata-se da vontade de reconhecimento, como tecida por Moscovici e destacada anteriormente. Ao examinar a obra de Proust, o autor destaca a noção de fluxo humano.

É impossível traduzir mais clara e sucintamente nossa maneira de comportar-nos em sociedade. Para responder a essa questão (que é de crucial importância para a psicologia social, como sabemos), Proust introduziu em sua novela uma teoria do fluxo humano. Como em um maço de cartas, as pessoas são embaralhadas e separadas, colocadas à parte e juntadas, de tal modo que as maiorias e as minorias ou desviantes [...] são criados. [...] A melhor maneira de defini-la seria dizer que é uma teoria do fenômeno da recombinação social dos indivíduos nesse fluxo. Ela permite que se qualifiquem para um determinado meio, de tal modo que pertençam a ele, *en être*. Como uma recombinação genética, da qual emprestei a denominação, ela associa ao indivíduo alguns traços que não foram originalmente reconhecidos, conforme seja ele conduzido através da sociedade junto com a maioria, ou posto de lado junto com a minoria. Ele se torna diferente do que era. Nesse caminho os grupos mudam seus componentes, mesmo que algumas vezes incluam as mesmas pessoas. (2003, p. 260)

Essa teoria de fluxo social que Moscovici examina e destaca em Proust, é destrinchada e organizada em princípios de recombinação social, de modo que tomamos a liberdade de utilizarmos o primeiro, destacado no início, e o segundo, explicitado a seguir. Esses pressupostos implicam que em um espaço público, como destaca o autor:

[...]as pessoas são símbolos de uma família, classe, nação, ou mesmo de uma empresa financeira, etc. Em cada uma de suas relações, o que eles parecem ser é mais importante do que eles são. [...]. Os indivíduos não são seres independentes que modelam seus próprios destinos e confrontam uma sociedade cujos valores eles são livres de aceitar ou rejeitar. (MOSCOVICI, 2003, p. 262)

Com base nessas características, podemos propor que em meio a um movimento que alça a bandeira com a foice e o martelo, qualquer indivíduo que o rejeite é considerado culpado antes de qualquer julgamento. Isso, pois essa maioria julga-o como um entrave no trajeto em busca da justiça social e dos

benefícios humanos. E é isso que esse símbolo representa na imaginação social desse grupo. Assim, a noção de “esquerda” enquanto uma entidade semântica que conflui a Revolução Francesa, o marxismo e as representações dos militantes que visitaram a URSS, constituem-se em um denominador comum que vincula-se ao símbolo soviético.

Aliado a essa característica, a sociabilidade pública, no que concerne aos grupos que utilizam o símbolo, tem os tons do conceito de vontade de reconhecimento a seu favor, visto que isso tira do indivíduo o veredicto de culpado. Em outras palavras, aqueles que não confluem com o grupo tem implicado em sua identidade pública a culpa de não buscar a justiça, a igualdade e o benefício da nação.

Tanto as referências e imaginários que constituem o denominador comum do símbolo estudado, quanto as características de vontade de reconhecimento que circulam na sociabilidade pública, garantem ao martelo e a foice seu esplendor diante do sangue derramado por aqueles que lutaram

sob sua sombra.

REFERÊNCIAS

REIS, Daniel Aarão. **Uma Revolução perdida**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

ARON, Raymond. **El opio de los intelectuales**. Buenos Aires: Editora Siglo Veinte, 1979.

ARENDT, Hanna. **As origens do totalitarismo**. São Paulos: Cia. do livro, 2013.

BRAZCKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leacj, Edmundo et al. **Anthropos-homem**. Lisboa; imprensa nacional/casa da moeda, 1985.

CONQUEST, Robert. **El gran terror**: Una reevaluación. Oxford: Editora Oxford University, 1990.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**: Uma cidade sitiada. São Paulo: Schwarcz, 2009.

EDMUNDO, Cláudio. **Um engenheiro brasileiro na Rússia**. São Paulo: Editora Calvino Filho, 1933.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Rio de Janeiro: Eduff Mauad, 2002.

_____. URSS: Mito, utopia e história. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 75-103, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, Terro: Quarto ensaios de iconografia política**. São Paulo: Cia das letras, 2014.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Schwarcz, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora Puc-RJ, 2006.

MEDVEDEV, Zhores A. **Um Stalin desconhecido**. Rio de Janeiro: Record, 2006

MOSVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2003.

OSÓRIO, César. **Onde o proletário dirige...: visão panorâmica da Rússia Soviética**. São Paulo: [s.n.], 1932.

O PODER POPULAR: um jornal a serviço da revolução socialista. Rio de Janeiro: Órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Edição 11, ano 02, maio de 2016.

WALKER, Barbara g. **The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects**. New York: Harperone, 1988.

NOTAS

¹ A foice e o martelo representam, respectivamente, a união do trabalho agrícola com o operariado. Tornou-se oficialmente emblema da bandeira da URSS em 1924. Os dois símbolos “enfrentaram-se” durante a *Exposition Internationale des Arts et des Tegniqués à La Vie Moderne*, em Paris, no ano de 1937, na qual os pavilhões principais eram o Alemão e o Soviético, um em frente ao outro cada um com seus símbolos, uma águia segurando a suástica, no lado Alemão e a famosa escultura de Vera Mukhina, denominada de “operário e camponesa de Kolkhoz”, no pavilhão soviético. Na parte mais alta da escultura, segurados pelas mãos do operário e da

camponesa, cruzavam-se a foice e o martelo. Sobre a exposição (GINZBUG, 2014).

² O Brasil proibiu o uso apologético da suástica com a lei n° 9.459, de 13 de maio de 1997. Cabe salientar que no início da segunda década do século XXI, alguns países da antiga União Soviética, como a Polônia, por exemplo, também proibiram o uso do símbolo Soviético.

³ Trata-se de uma novela composta em sete volumes, publica por Marcel Proust, entre os anos de 1913 a 1927.

⁴ O caso Dreyfus dividiu a França nos últimos decênios do século XIX, tratava-se do julgamento de Alfred Dreyfus, um oficial do exército francês acusado de traição por, supostamente, ser espião do exército alemão. Em 1906, quando ocorre a revisão do processo, descobre-se que Dreyfus era inocente. Entre os oficiais que poderiam ter agido como espião, Alfred Dreyfus era o único Judeu, característica que provavelmente influenciou no primeiro julgamento. Sobre o caso, ver: (ARENDR:2013)

⁵ Para Braczko, os imaginários sociais “constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom

comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o “bom súbdito”, o ‘guerreiro corajoso’, etc.”. [...] O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva.” (BRACZKO, 1985, p. 309).

⁶ No próprio site do partido há inúmeras imagens do antigo símbolo soviético. Ver: <http://pcb.org.br/portal2/>. Acesso: 30 maio 2016.

⁷ A cruz gamada ou suástica é muito anterior ao regime nacional-socialista alemão e pode ser encontrada em peças de cerâmica datadas de 4.000 a.c. Para um estudo específico, ver: (WALKER, 1988).

⁸ Gulag é o acrónimo de “Glavnoe Upravlenie Lagerei”, que em português seria algo como “Administração Central dos Campos”. Trata-se de campos de trabalhos forçados para prisioneiros. Para informações detalhadas. (Reis, 1997)

⁹ Esse período foi estudado por Robert Conquest na obra intitulada “The Great Terror”, publicada no final da década de 1960. Durante o período, os intelectuais ocidentais que flertavam com a União Soviética manifestaram as mais contundentes críticas, sobretudo devido à falta de documentação precisa, uma vez que o governo soviético mantinha tudo sob censura. Com o fim da URSS, no início dos anos de 1990, alguns documentos que sugiram corroboravam com o exame realizado pelo autor. Nesse mesmo período, soube-se que uma versão russa do livro circulava clandestinamente pela Rússia. Para maiores detalhes. (CONQUEST, 1990)

¹⁰ Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

¹¹ Nascido como *Iossif Vissarionovitch Djughashvil* (1878-1953), Stálin foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética de 1922 até sua morte, em 1953. (MEDVEDEVE, 2006)

¹² Os aliados tinham como potências principais os Estados Unidos da América e o Império Britânico; faziam oposição as potências do eixo (Alemanha, Japão e Itália). Após a invasão Alemã em território Soviético (1941), o exército vermelho passou a apoiá-los. (HOBSBAWM, 2003)

¹³ Ferreira baseia seu exame no Jornal carioca *Voz Operária*, publicado em 14 de janeiro de 1950.

¹⁴ Tratam-se de fontes que compreendem o período da década de 1930 a 1960.

¹⁵ Revista oficial do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

¹⁶ A ideia de um Juízo Final é um dado escatológico para a concepção católica da filosofia da história. Alguns momentos específicos foram interpretados como indícios de sua chegada, por exemplo, a peste negra e o advento da sociabilidade moderna, no século XIX. (DELUMEAU, 2009)

¹⁷ O termo “revolução” designa vários fenômenos e não é unívoco. Segundo Koselleck (2006, p. 62), “Ele varia desde sangrentos movimentos de deposição e/ou golpes políticos e sociais até inovações científicas decisivas, podendo significar tudo ao mesmo tempo, ou apenas um desses sentidos exclusivamente.

¹⁸ Referimo-nos ao fim da URSS, em 1991.

Recebido em: 01-06-2016

Aprovado em: 26-12-2016

Publicado em: 12-03-2017